Como tantas vezes resolvemos os problemas errados com meios industriais

Eliakim M. Kambale

FF-0001 · v1 · pt · 2026-11-17

Tradução de en v1

https://contributions-ledger.org/freeforms/ff-0001/v1/pt/

Por que tantas vezes travamos guerras contra os nossos fracassos passados, por vezes arriscando tudo o que construímos desde então? Tenho refletido sobre o que significa ter sucesso na vida. Ser visto, admirado, respeitado ou acumular poder suficiente para fazer as coisas acontecerem? Suspeito que parte do que parece ambição seja uma tentativa de responder a algo que aconteceu muito antes: não ser levado a sério, não ser notado, ser levado a sentir que não havia nada de particularmente interessante ou desejável em você, etc.

Às vezes as pessoas constroem grandes coisas para provar que alguém estava errado. Um pai ou uma mãe que nunca acreditou nelas, um professor que desprezou as suas capacidades, uma namorada que nunca as levou a sério. Ou uma mulher cujas capacidades foram diminuídas por um professor, que se volta para o feminismo e decide tornar-se professora para mostrar que uma mulher também pode ter sucesso. A conquista leva uma mensagem àquela pessoa: «Você estava errado a meu respeito». Isto também se aplica aos homens: um homem compra um carro de luxo e passa pelo bairro onde mora uma mulher que o rejeitou. Ou publica um novo relacionamento nas redes sociais esperando que as ex vejam. Anos depois, o julgamento daquela pessoa pode continuar decidindo o que merece o esforço de uma vida inteira.

Mas há uma armadilha. Imagine um jovem nerd que se sentia invisível no ensino médio. Ele se mata de trabalhar e se torna um empresário de sucesso. Impõe a sua presença, mas parte da atenção vem de pessoas que querem acesso à sua posição ou ao seu dinheiro. As próprias coisas que adquiriu para se tornar desejável dificultam saber se alguém o deseja de fato. Dinheiro e poder podem mudar o comportamento das pessoas à sua volta sem mudar o que ele sente quando alguém não o nota. Ele pode ter sucesso segundo quase todos os critérios públicos e continuar preocupado com a pergunta que o lançou naquela corrida.

Jensen Huang gosta de contar a anedota de como conheceu a esposa, Lori, na universidade: passou meses fazendo os deveres com ela antes de encontrar coragem para convidá-la para sair. No seu relato, o que me chama a atenção é a troca que aconteceu: ele ofereceu recursos para obter

a atenção dela, e funcionou. Talvez nunca tenha aprendido a fazer de outro modo e tenha continuado a acumular recursos ainda maiores e mais poder para garantir essa atenção, não apenas de Lori, mas muito provavelmente de outras mulheres também. Embora seja de conhecimento comum que todos os homens pagam pelo acesso sexual, um sedutor talvez conseguisse um encontro com algumas piadas, um pouco de lábia e a atitude certa, sem gastar um centavo. A questão é se Huang alguma vez aprendeu a conquistar atenção sem algo exterior a si que o fizesse brilhar. Na universidade eram as notas máximas que prometia a Lori por meio das sessões de deveres; mais tarde foram o dinheiro, a fama, o cargo de diretor executivo e a influência e o poder que ele proporciona. Os recursos cresceram, mas a maneira de buscar afeto alguma vez mudou?

Talvez tornar-se temível pareça mais imaginável do que abordar alguém e arriscar uma recusa. Ou talvez o afeto dela tenha se misturado com outro desejo: tornar-se alguém que nunca mais pudesse ser ignorado. A atenção de uma pessoa passa então a carregar o peso de uma desforra muito maior. Ser desejado o satisfaria ou ele ainda precisaria se tornar incontornável?

Vistos de fora, os casos amorosos noticiados de Huang e a perda do seu cargo de diretor executivo parecem uma forma tola de arriscar tudo o que vinha construindo durante trinta e três anos. Porém, quando se olha para o seu caso de outra perspectiva, a antiga ferida pode ter permanecido o seu calcanhar de Aquiles, e ele talvez não tenha percebido que a expunha ao mundo inteiro sempre que contava como conheceu a esposa. Qualquer mulher que lhe oferecesse um pouco de afeto e atenção poderia, portanto, alcançar o jovem nerd sob todo aquele poder. E antes de pensar que tomou uma «má» decisão ou calculou mal os riscos, não esqueça que o seu subconsciente talvez estivesse usando o poder corretamente, isto é, para vencer as guerras que nunca havia vencido. Para ele, não era jogar tudo fora por uma recompensa tão pequena; era finalmente usar as armas para a finalidade para a qual tinham sido adquiridas. Talvez nunca tenhamos querido o que construímos pelo que era em si mesmo. Era uma máquina de guerra contra os nossos fracassos passados, descartável na tentativa de vencer.

Às vezes construímos um exército para uma guerra que poderia ter terminado com uma faca de cozinha. Alguém passa anos enriquecendo porque quer ser desejado, quando aprender a seduzir uma mulher talvez resolvesse a dificuldade mais diretamente. Penso nessas tramas de séries de televisão em que um homem que não consegue a atenção de uma mulher entra para o exército, passa por treinamento rigoroso, torna-se um conquistador ou adquire o poder de derrotar o vilão. Ele volta esperando que ela finalmente o olhe de outra forma. Se pudesse pedir um dom, por que pedir o poder de derrotar exércitos ou vencer duelos? Por que não pedir o dom de seduzir a garota com quem queria falar desde o início, ou o de não precisar mais da atenção dela?

Sempre me espanta como as pessoas podem fazer maravilhas e mudar o mundo só para evitar mudar a si mesmas. Penso em feministas que têm tanto medo de assumir responsabilidades que, em busca da segurança das mulheres, prefeririam reeducar os homens sobre consentimento e respeito aos limites, e martelar nos meninos que nunca devem machucar uma mulher, a aprender elas mesmas e ensinar às meninas mais novas a reconhecer o perigo e evitá-lo.

Para mim, o verdadeiro empoderamento está em aprender a se proteger onde quer que você esteja. Não deveria depender da sorte de viver num país em que se controla a educação dos possíveis agressores. É possível aperfeiçoar o sistema, mas não garantir que todos os meninos saiam corretamente formatados. Se apenas um sair defeituoso, o perigo continua lá fora.

Uma solução mais simples e pragmática seria adquirir uma compreensão profunda da natureza humana que acompanhe você aonde for. Ela permite reconhecer o perigo e evitá-lo sem precisar de um grande aparato estatal para reformatar toda uma geração de homens.

Sem querer desviar do assunto, por que a sua segurança deveria ser o bem supremo em torno do qual toda a sociedade precisa se reorganizar? O que dá a você o direito de moldar todos os outros para o seu próprio conforto? Não é pretensioso, ditatorial e egocêntrico decidir como os outros devem viver para que você não tenha de fazer esforço algum? Vejo nisso uma mentalidade de princesa ou deusa, uma espécie de solipsismo: tudo gira em torno de mim; todos devem servir a mim e às minhas necessidades.

Vejo o mesmo padrão em mães solteiras que culpam os homens por serem irresponsáveis e deixá-las com bebês. Algumas poderiam ter escolhido um parceiro mais confiável ou mantido as pernas fechadas até o casamento. Para mim, isso espelha o homem que conquista o mundo esperando a atenção de uma mulher em vez de aprender a seduzi-la: no fundo, resolver laboriosamente o problema errado.

Os homens frequentemente optam por soluções pragmáticas. Para evitar falsas acusações, evitam situações como conversar com uma colega numa sala com a porta fechada, ficar até tarde no escritório com uma colega ou pegar o elevador a sós com uma mulher. Não precisam reformatar toda uma geração de mulheres para que nenhuma acuse falsamente um homem inocente de algo que ele nunca fez. Ajustam a própria conduta. Nesse assunto, os homens são mais pragmáticos. Mas, quando se trata de sedução, esquecem esse pragmatismo. Por quê?

Talvez porque a sedução tenha se entrelaçado com uma necessidade de provar o próprio valor. Ele quer que a atenção dela resolva algo a seu respeito: que é desejável, que aqueles que o ignoraram estavam errados, que nunca mais será insignificante. Ele consegue aceitar uma restrição e ajustar a conduta quando está se protegendo. A indiferença dela pode ser mais difícil de aceitar porque parece um julgamento sobre o seu valor. Aprender a flertar ainda o deixa exposto a uma recusa pessoal. Acumular dinheiro, status ou poder oferece a fantasia de um dia se tornar impossível de recusar.

Também pode haver algo familiar em acumular recursos. Ele sabe trabalhar, competir e acumular. Abordar alguém sem essas proteções exige outra capacidade, talvez uma que passou a vida evitando. O seu raciocínio pode continuar muito eficaz enquanto serve a um objetivo emocional que nunca examinou. Uma competência extraordinária pode ser dedicada a resolver o problema errado.

Isso me traz de volta ao homem comum em busca de poder mágico: por que pedir para nunca mais ser rejeitado em vez de pedir para se tornar imune à rejeição? O primeiro desejo coloca o peso sobre a outra pessoa, cuja resposta ele não pode controlar. A sua segurança depende de ela continuar desejando-o, de outra pessoa se comportar de uma maneira que proteja o seu senso de valor. Por mais poderoso que se torne, ela ainda pode preferir outra pessoa ou simplesmente mudar de ideia. A proteção que tenta adquirir nunca pode ser inteiramente assegurada.

Tornar-se capaz de suportar a rejeição parece uma força mais útil de adquirir. Por imunidade, penso em algo que ainda permita se importar. Uma rejeição pode continuar doendo, sobretudo quando a pessoa importa. Mas a decepção não precisa se tornar um veredito que tenha de ser revertido por anos de realizações. Se uma recusa não ameaça tudo o que você acredita sobre si mesmo, há menos razão para hesitar antes de pedir o que quer. Você pode abordar alguém, expressar interesse, fazer uma proposta. Essa confiança pode abrir certas portas. Uma porta que permanece fechada não precisa diminuir a sua autoestima nem fazer o resto da sua vida parecer insuficiente. O homem comum em busca de poder mágico poderia abordá-la antes de se tornar extraordinário. Depois, teria uma vida à qual voltar.

Três atitudes parecem úteis: «Isto também passará» pode aliviar a dor da rejeição, dando tempo ao sentimento para mudar. «A rejeição redireciona» pode reacender a motivação para continuar batendo em outras portas, dando à atenção outro lugar para onde ir. O desapego mantém você num estado de aceitação: seja qual for o resultado, você continuará vivendo. Você viveu sem isso até agora. Se não acontecer, pode continuar vivendo sem isso. Ainda pode desejar e se esforçar para obter. A possibilidade de viver sem isso lhe dá espaço para receber a resposta, inclusive aquela que esperava não ouvir. Curar-se, nesse sentido, incluiria poder encontrar o antigo sentimento sem precisar organizar outra campanha contra ele.

Certas guerras não foram feitas para ser travadas no mundo material, tridimensional, mas dentro de nós. Penso em Jesus dizendo: «O meu reino não é deste mundo, mas do mundo de cima». E na conhecida paráfrase de Jung: «Até tornar consciente o inconsciente, ele dirigirá a sua vida e você o chamará de destino».

A maioria dos nossos impulsos não é uma decisão racional. São reações emocionais. Alguém rejeita você, insulta você ou lhe dá um pouco de atenção, e de repente você está pronto para organizar a vida em torno daquele sentimento. O esforço, no espírito de Frankl, é colocar alguma distância entre o estímulo e a sua resposta para poder decidir qual resposta é adequada. Antes de construir um exército, talvez você precise perguntar se aquele sentimento exige sequer uma guerra.

Referência

Eliakim M. Kambale. (2026-11-17). Como tantas vezes resolvemos os problemas errados com meios industriais. Freeforms, FF-0001, Versão 1 (pt). https://contributions-ledger.org/freeforms/ff-0001/v1/pt/